

Caderno de Apoio à
Aprendizagem – EJA

HISTÓRIA

Volume 2



EIXO V/TAI/TJ4

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO



**GOVERNO
DO ESTADO**

EXPEDIENTE

Governo da Bahia

Rui Costa | Governador

João Leão | Vice-Governador

Jerônimo Rodrigues | Secretário da Educação

Danilo Melo Souza | Subsecretário

Manuelita Falcão Brito | Superintendência de Políticas para a Educação Básica

Isadora Silva Santos Sampaio | Coordenadora da Educação de Jovens e Adultos

Coordenação Geral

Iara Martins Icó Sousa

Isadora Silva Santos Sampaio

Jorge Bugary Teles Junior

Relação dos professores

Alan Denis Silva Araújo

Ana Cristina Florindo Mateus

André de Oliveira Silva Ferreira

André Luís Santos Pennycook

Andreas Bastos Cruz

Carlos Eduardo Lima dos Santos

Elineide Climaco Duarte Araújo

Érika Pereira da Silva Carlos Nascimento

Daiane Trabuco da Cruz

Diogo Moura Ramos

Elidineide Maria dos Santos

Isadora Silva Santos Sampaio

Janaina Gelma Alves do Nascimento

Janildes Almeida Chagas

Joan Helder de Jesus Santana

Jorge Bugary Teles Junior

Jose Osmar Rios Macedo

Lucinaldo de Oliveira Reis

Lucinalva Borges Moreira

Ludimila de Araújo Pereira

Maíra Xavier Araújo

Maria Celia Silva Coelho

Maria das Graças Rodrigues de Souza

Marinalva Silva Mascarenhas

Poliana Lobo dos Santos e Santos

Raidete Maria Soares Fontes Nobre

Sâmela Marthai Pereira de Souza

Simone Lima de Assis Rizério

Suzana Santiago Sobral

Viviana Oliveira Mateus

Yone Maria Costa Santiago

Apoio técnico

Marcella Vianna Bessa

Diagramação

Marjorie Amy Yamada

Foto da capa

Igreja São Francisco, Pelourinho – Gustavo Boulhosa (2013)

À Comunidade Escolar,

A pandemia do coronavírus explicitou problemas e introduziu desafios para a educação pública, mas apresentou também possibilidades de inovação. Reconectou-nos com a potência do trabalho em rede, não apenas das redes sociais e das tecnologias digitais, mas, sobretudo, desse tanto de gente corajosa e criativa que existe ao lado da evolução da educação baiana.

Neste contexto, é com satisfação que a Secretaria de Educação da Bahia disponibiliza para a comunidade educacional os **Cadernos de Apoio à Aprendizagem – EJA**, um material pedagógico elaborado por dezenas de professoras e professores da rede estadual durante o período de suspensão das aulas. Os **Cadernos** são uma parte importante da estratégia de retomada das atividades letivas, que facilitam a conciliação dos tempos e espaços, articulados a outras ações pedagógicas destinadas a apoiar docentes e estudantes.

Assegurar uma educação pública de qualidade social nunca foi uma missão simples, mas nesta quadra da história, ela passou a ser ainda mais ousada. Pois além de superarmos essa crise, precisamos fazê-lo sem comprometer essa geração, cujas vidas e rotinas foram subitamente alteradas, às vezes, de forma dolorosa. E só conseguiremos fazer isso se trabalharmos juntos, de forma colaborativa, em redes de pessoas que acolhem, cuidam, participam e constroem juntas o hoje e o amanhã.

Assim, desejamos que este material seja útil na condução do trabalho pedagógico e que sirva de inspiração para outras produções. Neste sentido, ao tempo em que agradecemos a todos que ajudaram a construir este volume, convidamos educadores e educadoras a desenvolverem novos materiais, em diferentes mídias, a partir dos **Cadernos de Apoio**, contemplando os contextos territoriais de cada canto deste país chamado Bahia.

Saudações educacionais!

Jerônimo Rodrigues

Secretário de Educação do Estado da Bahia

Digo! Dignidade humana exijo!

1 PONTO DE ENCONTRO

O que você sabe sobre os seus deveres? Percebe o que acontece quando não consegue cumpri-los? Já parou para pensar sobre os seus direitos? Conhece os caminhos para conseguir ser atendidos? Por falar em caminhos, nesta trilha, trabalharemos sobre a dignidade humana e suas lutas para conseguirmos vivenciar na prática. Vamos caminhar a passos largos.

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

A luta por respeito a dignidade humana é histórica e cotidiana, funda-se em complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra os atos degradante e desumano, bem como lhe garanta condições existenciais mínimas para uma vida digna e saudável, além de proporcionar sua participação ativa e corresponsável sobre sua própria vida inserida no convívio social.

Será que temos garantido a nossa dignidade humana? Qual é o papel da educação para a consolidação dos nossos direitos?

Será que temos condições existenciais mínimas, a ponto de dizermos que para vivemos com dignidade humana?

Esta trilha nos ajudará a compreender melhor nossa situação. Embora nos deparemos com vários exemplos negativos, nossa esperança não pode parar. Ah! Nem nosso estudo, vamos trilhar.

3 LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA

Analise as Imagens abaixo e respondam o que elas representam. Já imagino quantas informações passarão em sua mente ao observá-las.

Pegue o **caderno** e vamos registrar para não esquecer.

Figura 1.



Autor: Carlos Latuff (2018).

Figura 2.



Fonte: Governo de Sabaneta.

Figura 3.



EPIDEMIA NA SELVA

Autor: Genildo Ronchi (2020).

Figura 4.



Autor: André Koehne

- 1 Qual dos problemas sociais retratados nas imagens chamou mais sua atenção? Qual a relação com a sua vida?
- 2 Qual dessas lutas você não identifica como sua? O que pensa sobre as lutas/bandeiras dos outros?
- 3 Estes problemas sociais são vividos por milhares de brasileiros ainda na atualidade ou são coisas do passado?

4 EXPLORANDO A TRILHA

Sabemos do perfil socioeconômico das vítimas de violência social: crianças, jovens, adultos e idosos negros e negras, pessoas em situação de pobreza ou vulnerabilidade social, como moradores de ruas, moradores de periferias ou comunidades, enfim, homens, mulheres, transexuais, que, em alguma medida, carecem de algum tipo de atenção governamental.

Há consenso, pois, sobre a afirmação de que o rol de direitos fundamentais da Constituição Federal brasileira tem sido ampliado nas últimas décadas. Com relação aos direitos e deveres individuais e coletivos, prevê a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Contudo, somos herdeiros de inúmero desrespeito a dignidade humana e ainda hoje, infelizmente, continuamos a nos deparar com isto no nosso cotidiano.

Sabemos que em muitos momentos presenciamos o desrespeito à dignidade humana em nossa história. Pensando sobre o processo de ocupação portuguesa nos deparamos com números assustadores.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), a população indígena (originária) em 1500 era de aproximadamente 3 milhões de habitantes, sendo que aproximadamente 2 milhões estavam estabelecidos no litoral do país e 1 milhão no interior. Em 1650, esse número já havia caído para 700 mil indígenas e, em 1957, chegou a 70 mil, o número mais baixo registrado. De lá para cá, a população indígena começou a crescer.

Pensando na escravização das populações africanas, mais uma vez trazemos um dado desde o fim do século XVI, quando, segundo as historiadoras Schwarcz e Starling, comentam que “começava a grande catástrofe humana da deportação massiva de cativos para o Brasil, que até 1850 vitimou quase 5 milhões de africanos. Criava-se também a clivagem entre casa-grande e senzala: mundos divididos que correspondiam a sociedades também em parte muito divididas”.

Sem aprofundar muito nos exemplos da nossa história sobre o desrespeito a dignidade humana, citaremos a guerra de Canudos, a qual foi um conflito no sertão baiano ocorrido em 1896 e 1897, que terminou com a destruição do povoado de Canudos – daí o nome da Guerra. Houve várias batalhas entre tropas do governo federal e um grupo de sertanejos liderados por um líder religioso, Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro (1828 – 1897).

Para acabar com os revoltosos, o governo lançou a tal ‘guerra’ – que consistiu, na verdade, de quatro expedições militares. Nas três primeiras, o Exército foi derrotado pelos sertanejos. Na terceira delas, o massacre foi tão grande que até o comandante das tropas federais foi morto em combate. Na quarta e última, o Exército conseguiu finalmente riscar Canudos do mapa. Pelo menos 30 mil pessoas morreram na batalha final.

Atualmente, só para falar de nosso país, temos no dia que em escrevemos este texto, dia 09 de abril de 2021, aproximadamente 350.000 (trezentos e cinquenta mil) pessoas vítimas da covid-19. Infelizmente, quando você lê este texto os números estarão ainda mais alarmantes.

Estes dados, de 3 milhões de povos indígenas, 5 milhões de africanos escravizados, 30 mil de nordestinos mortos em Canudos e mais de 350.000 pessoas mortas de covid-19, quantas perdas humanas, registram o nosso presente e a nossa história.

Pensar no perfil socioeconômico dessas pessoas nos faz refletir sobre o nosso perfil, o perfil das pessoas que estudam na Educação de Jovens e Adultos. Segundo o escritor Miguel Arroio, em seu livro, “Os Passageiros da Noite”, ao identificar quem são esse outros sujeitos e seus outros deslocamentos, nos identifica com “percursos dos personagens pobres, trabalhadores empobrecidos das cidades ou dos campos, mulheres, negros/as”. Ele está falando de nós, e somos nós que precisamos olhar criticamente a nossa realidade para sermos capazes de promover uma mudança estrutural. Seguiremos firme nesta trilha.

Vídeo Complementar

Filme completo de Sérgio Rezende – Guerra de Canudos

<https://youtu.be/P4OYhj7lo0E>

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

A cada passo, esta trilha, nos convida a refletir sobre o desafio que temos, mas que sabemos do poder de superar os nossos obstáculos. Para isto precisaremos refletir criticamente sobre tudo que foi trabalhado até o momento, por isso, de posse do seu **caderno**, registre os conhecimentos que se pedem, sempre partindo de um olhar de si para o mundo.

- 1 Quem são as/os estudantes da EJA?
- 2 Nós nos identificamos com mais um entre os “passageiros da noite”? Tememos a morte simplesmente pela minha/nossa cor? Por quê?
- 3 Esse sistema perverso de exclusão é algo recente ou histórico? Como inverter essa situação?
- 4 Em nome do que milhares, milhões de pessoas foram e são mortas em nossa sociedade?
- 5 Qual é o papel da sociedade e do governo no combate à pandemia de covid-19 para evitarmos mais perdas humanas?

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA!

Trabalhamos sobre inúmeros episódios de desrespeitos à dignidade humana, que poderíamos também chamar de genocídio, mas precisamos entender o que de fato significa, bem como distinguir de massacre, chacina.

Então vamos pesquisar o significado destes termos e citar um acontecimento que retrate cada um deles, ou seja, vocês deverão escrever um breve texto relatando sobre fatos históricos que representam genocídio,

massacre e chacina. Pode ser de um tempo mais atual, fiquem à vontade para, ao identificar o significado destes termos, escolher um episódio histórico para exemplificar. Infelizmente, estamos repletos destes tipos de histórias em nossa sociedade.

7 A TRILHA NA MINHA VIDA

Após refletir criticamente sobre esta trilha, solicito que descreva as impressões e sensações surgidas ao estudar.

- Como analisa os objetivos econômicos em detrimento do direito a vida das pessoas?
- Qual é a maneira de nos proteger deste mundo perverso que nos oprime cotidianamente?
- A violência social é algo que devemos saber conviver com ela, por ser inevitável, ou teremos condições de viver num mundo mais justo?

Ao chegar neste momento da trilha, compreendemos os desafios que nos espera para superarmos os inúmeros obstáculos impostos pela vida, principalmente aos menos favorecidos. Entretanto, sabemos que somos capazes de enfrentá-los de cabeça erguida. Vamos seguindo nosso percurso.

8 AUTOAVALIAÇÃO

A violência social, historicamente, fez suas feridas e deixou/deixa suas cicatrizes abertas na nossa sociedade. Sofremos essa mazela em nossa pele, mas não podemos nos entregar. Sabemos do poder transformador da educação, por isto, solicito que façam uma reflexão sobre a sua trajetória até o momento, reflita de forma crítica sobre seu desempenho ao trilhar, afinal de contas, se chegou até aqui, muito obstáculo teve que superar, mas ainda falta muito a percorrer.

Em seu **caderno** registre as observações a seguir.

- 1 Conseguiu reservar um tempo para realizar a atividade?
- 2 Se sim, você conseguiu realizar esta atividade no tempo programado?
- 3 Considera que a trilha te ajudou a identificar a relação histórica da violência social?
- 4 Reservou algum tempo para refletir sobre o poder de união como fator de superação dos desafios sociais?
- 5 Você acha que consegue aplicar na sua vida as aprendizagens dessa aula? Comente.

Caminhando e cantando e seguindo a canção

1 PONTO DE ENCONTRO

A canção é nossa companheira no nosso caminhar, no trabalho, no lar, em todo lugar. Vamos continuar trilhando? Não vamos parar, muito menos nos calar, como sugere a canção de Geraldo Vandré, “Vem, vamos embora, que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, chegou a momento de entender as estratégias de resistências artísticas de um dos períodos mais repressivos da história republicana brasileira. Opa! Que silêncio é este? “Pai, afasta de mim esse cálice”, como nos convida Chico Buarque, em sua canção, “Cálice”.

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

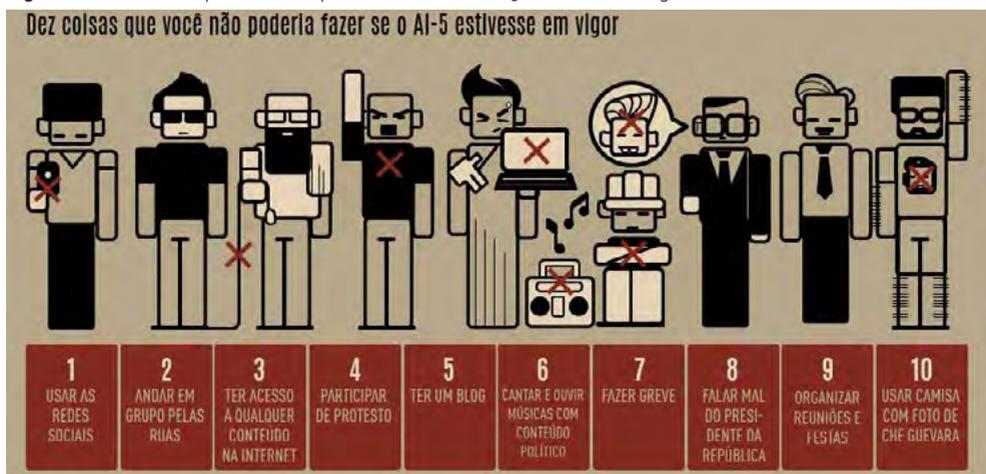
No Brasil, a segunda metade do século XX, caracteriza-se por um caldeirão de movimentos musicais: bossa nova, jovem guarda, tropicalismo, música de protesto, isto só para começo de conversa. Os festivais de música brasileira pulsam sentimentos variados de aplauso e de vaias calorosas, provocadas pela paixão do público. Nas décadas de 1960 e 1970, o regime militar apresenta seu lado mais repressor e cantar passa a ser uma atividade de risco, pois a censura baixava seu carimbo sobre todos os insurgentes, ou como eram denominados, os subversivos.

► **A história dos Festivais da Canção** – <https://youtu.be/o5SirywdwaE>

Você sabe o que é canção de duplo sentido? Conhece alguma canção de protesto do período? Caso tenha vivido neste momento, quais suas recordações? Se não viveu, o conhece do período?

Vivemos, atualmente, num momento de segurança e tranquilidade da nossa democracia? A ameaça do regime democrático ainda se faz presente atualmente? Se sim, quais seriam os motivos atuais?

Figura 6. Dez coisas que você não poderia fazer se o AI-5 estivesse em vigor



Fonte: infográfico UOL (2013).

- 1 Quais os problemas sociais e políticos, no Brasil, provocados com a decretação do AI-5 em dezembro de 1968?
- 2 Quais consequências sociais e políticas teríamos, na atualidade, se fosse decretado práticas ditatoriais? Essa possibilidade já foi superada ou ainda permanece em nossa sociedade?
- 3 Pesquise o que significa censura, exílio, anistia, habeas corpus e registre em seu caderno.
- 4 Registre algumas atribuições do Congresso num país democrático. Quais consequências se for decretado o seu fechamento?
- 5 Por que é importante manter os direitos democráticos?

4 EXPLORANDO A TRILHA

Texto 1 Música no Brasil da ditadura

A partir dos anos 1950, o Brasil passou por uma ebulição musical nunca vista, com um caldeirão de movimentos: bossa nova, jovem guarda, tropicalismo e música de protesto. Os festivais de música brasileira despertavam paixões no público, com vaias e aplausos calorosos. Mas, nos rebeldes anos 1960 e 1970, cantar virou atividade de risco, já que a censura baixava seu carimbo sobre aqueles que se insurgiam contra o regime.

Importante lembrar que a música popular brasileira ao longo de todos esses anos (1950 – 1970) fez muito mais do que entreter ou embalar o cotidiano dos brasileiros. As músicas estavam enraizadas em cada conflito, em cada tensão social, em cada momento histórico, cantadas nas ruas, assoviadas nas praças, sussurradas nas catacumbas, publicadas em jornais da resistência. “Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores” virou hino da geração de 1968. Tanto o título da canção “Apesar de você” quanto seu verso “Amanhã será outro dia” aparecem gravados em faixas empunhadas em passeatas no início dos anos 1970.

“Cálice”, vetada em 1973, ainda na condição de obra inédita, teve sua letra divulgada na mesma semana no Jornal da Tarde e em jornais universitários, sendo exibida publicamente num show de Gilberto Gil, na USP, num gesto de desobediência civil.

Em “O bêbado e a equilibrista”, João Bosco e Aldir Blanc não apenas homenageavam Clarice, a viúva de Vladimir Herzog, morto pela repressão em 1975, como clamavam pela anistia aos exilados, simbolizados na canção pela figura de Betinho, o “irmão do Henfil”. A canção tornou-se trilha sonora do desembarque de dezenas de pessoas nos aeroportos brasileiros no final de 1979.

Mulheres, negros, indígenas, estudantes, operários, camponeses, intelectuais e jornalistas, entre outros, protagonizaram a resistência civil. Mas nem toda resistência ou oposição se fazia pelas mesmas bandeiras de luta. O próprio desenvolvimento econômico e a urbanização tornaram o Brasil uma sociedade multifacetada e complexa, com muitas demandas e valores nem sempre convergentes entre si.

Apesar de não existir uma pauta comum, a resistência colocou na agenda a questão da democracia, da justiça social e dos direitos humanos, e obrigou o regime a mudar seus planos iniciais de institucionalização, tendo que reconhecer outros atores sociais e políticos, além das oposições e instituições permitidas.

Enquanto tínhamos letras de música como, a já citada, “Cálice” de Chico Buarque, em que também pode ser entendido como o cale-se da própria censura. Presenciamos, contraditoriamente, compositores a serviço do Regime Militar, como o grupo Os Incríveis com a composição de “Eu te amo meu Brasil”, na qual exaltava: “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo/ Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil”.

Disponível em: <<http://memoriasdadidatura.org.br/musica/>>. Acesso em: 2 de abril de 2021. (Adaptado).

Não podemos deixar de falar sobre um ícone musical durante o regime militar – Roberto Carlos. No ano de 1975, o jornalista Vladimir Herzog foi torturado até a morte nas instalações do exército em São Paulo. Neste mesmo ano, o “Rei” participava de shows comemorativos do 11º ano do golpe militar. Suas letras de música não faziam referências à conjuntura sociopolítica imposta pelo regime. Enquanto as pessoas eram torturadas e mortas nos porões da ditadura, ele cantava “O Calhambeque”, cuja preocupação era “Como vou viver sem meu carango pra correr/ Meu Cadillac, bi-bi, quero consertar meu Cadillac”. Música medíocre, que falava aos corações da massa jovem daqueles anos, uma juventude alienada.

Onde pesquisar o assunto:

▶ **A ditadura aterroriza [1969-1975]** – <https://vimeo.com/120608204>

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

Espero que nesta trilha você tenha vindo “caminhando e cantando e seguindo a canção”, pois “são tantas emoções”, mas chegou a hora de encarar novos desafios. Não se esqueça do **caderno**, para registrar seus conhecimentos. Antes ouçam algumas das canções trabalhadas até aqui.

- 1 Quais são as principais características da canção popular brasileira produzida durante o regime militar que possa associá-la como canção de protesto?
- 2 Essas canções ainda são atuais? Por quê?
- 3 Demonstre a relação entre a história e a arte presente em alguma composição dos anos 1960 e 1970.

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA!

O texto apresentado, por ser resumido, não traz todos os compositores e seus estilos musicais. Agora é sua vez de aprofundar o conhecimento, e

propomos que apresente uma canção não trabalhada no texto, mas que fez parte destas composições de protestos. Identifique quem fez a composição. Solicito, ainda mais, para reforçar a compreensão sobre o assunto, que identifique a conjuntura sociopolítica do momento do lançamento da canção escolhida por você.

7 A TRILHA NA MINHA VIDA

Chegou a vez de debruçar sobre o tema desta trilha, refletindo sobre nossas vidas. Existe atualmente um discurso de apologia às práticas ditatoriais? Seria esse o caminho para melhorarmos de vida? Estaríamos desejando algo que já foi vivenciado e não deixou boas recordações? Como podemos pensar em superar os obstáculos da atualidade sem cometer os erros do passado? Sobre o papel das artes como mecanismo de divulgação de protestos e “gritos” por respeito, dignidade e valorização pessoal e profissional, atualmente, também produzimos artes de protesto? As canções que cantamos também clamam por direitos que desejamos?

Parabéns por chegar até aqui, ainda falta muito a trilhar para vermos nossos direitos reconhecidos. Não vamos parar, nem nos calar.

8 AUTOAVALIAÇÃO

Caminhar e cantar, pode até perder o fôlego, mas quando estas canções nos chamam para refletir a realidade e nos dão força e coragem para superar os obstáculos, a melodia que produzimos ao trilhar nos revigora a cada passo que avançamos, pois, as canções que cantamos também clamam por direitos que desejamos. Parabéns por chegar até aqui. Entretanto, não vamos parar, nem nos calar. Façamos uma breve pausa de reflexão e relaxamento, assim, acumulando mais energia para as próximas caminhadas. Enquanto isto, vamos refletir sobre o nosso percurso.

Abra seu **caderno** e registre o que se pede.

- 1 Conseguiu reservar um tempo para realizar a atividade?
- 2 Se reservou, conseguiu realizar esta atividade no tempo programado?
- 3 Considera que a trilha te ajudou a identificar o papel das artes nas lutas sociais?
- 4 Reservou algum tempo para ouvir as músicas da trilha com o olhar mais atento ao contexto histórico?
- 5 Consegue prestar mais atenção às reivindicações presentes nas letras de músicas, ao ouvi-las, em seus variados tempos históricos? Demonstre com um exemplo.
- 6 Você acha que consegue aplicar na sua vida as aprendizagens dessa aula? Comente.

Chega! Quero sorrir, mudar de assunto!

1 PONTO DE ENCONTRO

Agora é sua vez de refletir sobre a violência social, como diz Gabriel, o Pensador, “Chega! Vida de gado, resignado. Chega! Vida de escravo, de condenado (...)”. Sabemos da sua capacidade de superação e a canção dita ritmicamente como estamos em cada instante. Como você se sente, com a “corda no pescoço” ou “dono desse lugar”? Convidamos você a analisar historicamente algumas canções, mesmo não sendo do seu estilo, mas é preciso se preparar para trilharmos em um tom “e eu acredito que você vai gritar junto!”

Preparados para nos acompanhar? Juntos sempre seremos mais fortes.

2 BOTANDO O PÉ NA ESTRADA

A canção desperta sentimentos e transmite uma multiplicidade de mensagens. É comum relatar problemas de uma época e contribuir para a identidade de um lugar. Desta forma, diversos ritmos musicais em seus mais variados tempos históricos retratam de alguma forma sobre os mais diversos tipos de violências.

► **Chega! De Gabriel, O pensador** – <https://youtu.be/S9FTl1KuJA>

Você pode até viver na pele a violência social imposta a séculos ao nosso povo, mas já parou para refletir criticamente sobre o assunto? Lembra de alguma canção que aborda este tema? Saberria reconhecer o quanto as artes nos convida a superar os obstáculos?

Trilharemos sobre a narrativa musical e sua abordagem à violência social.

Quais estilos musicais você está acostumado a ouvir? Descreva um trecho de alguma canção que traga um chamado para refletir sobre a violência social.

3 LENDO AS PAISAGENS DA TRILHA



Figura 1.

Fonte: G1, 15/11/2019.

Passar uma tarde em Itapuã

Ao sol que arde em Itapuã

Ouvindo o mar de Itapuã

Falar de amor em Itapuã

Tarde em Itapuã, Vinícius de Moraes e Toquinho (1971)

Cerca de 5 décadas após o lançamento da bela canção, quantas mudanças sociais, hein?

- 1 O que leva ao aumento da violência em alguns bairros com mais intensidade e outros não?
- 2 O que devemos fazer para que essa paz de outrora volte a reinar em nossas terras?
- 3 Há violência em seu bairro? Como você percebe isto?

4 EXPLORANDO A TRILHA

Gabriel, o Pensador questiona em sua canção, Chega: “Chega! Que mundo é esse? Eu me pergunto! Chega! Quero sorrir, mudar de assunto!”. O que incomoda o Pensador? Qual o assunto que ele não quer mais falar? Você também deseja um basta para quais assuntos?

/// A música brasileira forma um enorme e rico patrimônio histórico e cultural, uma das nossas grandes contribuições para a cultura da humanidade. Antes de inventarem a palavra “globalização”, nossa música já

era globalizada. Antes de inventarem o termo “multiculturalismo”, nossas canções já falavam de todas as culturas, todos os mundos que formam os brasis. Antes de existir o “primeiro mundo”, já éramos musicalmente modernos. Além disso, nossa música foi o território de encontros e fusões entre o local, o nacional e o cosmopolita; entre a diversão, a política e a arte; entre o batuque mais ancestral e a poesia mais culta. Por tudo isso, a música no Brasil é coisa para ser levada muito a sério.

NAPOLITANO, Marcos. História & música: história cultural da música popular. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002. Disponível em: <https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Napolitano-historia_musica.pdf>. Acesso em 18/mar/2021.

Sobre a canção brasileira, destaco neste momento os cantos, cantorias, presentes nas rodas de capoeiras, típico espaço de canções de protesto e de resgate da nossa história. Tonho Matéria, nos convida a conhecer e não esquecer, de um levante popular no Brasil Colônia, melhor dizendo, na Bahia, no período colonial, a “Conjuração Baiana”, cantada nas rodas de capoeiras, faz girar a roda da história e seus registros de lutas por direitos sociais.

Texto 2 Conjuração Bahiana

Vou contar uma história para quem quiser ouvir
Salvador era colônia, capital do Brasil
Tempo da mineração em que o ouro era potência
E o cultivo da cana-de-açúcar em plena decadência
Foi nas bandas da Bahia, foi nas bandas da Bahia ai meu Deus!
Que eu ouvi falar do primeiro movimento político popular da história do Brasil, do Brasil colonial
A Conjuração Baiana, chamada de Argolinhas
Foi a Revolta dos Búzios movimento social
Que juntou negros e brancos, pobre e ricos de valor
Pra lutarem contra a força do sistema opressor
A crueldade era tamanha, violência e escravidão
Negro não tinha sossego era como se fosse ladrão
Na verdade eram alfaiates, soldados e artesão
Êh! É hora é hora
lê é hora é hora camará
lê vamos embora
lê vamos embora camará

Ai ai ai ai ô que lelê
Lalailailá ô que lelê
Já mandei chamar Lucas Dantas pra jogar
Já mandei chamar Manuel Faustino pra jogar
Já mandei chamar Luís Gonzaga das Virgens
Já mandei chamar João de Deus pra jogar
Já mandei chamar Luiza Francisca pra jogar
Já mandei chamar Lucrecia Maria pra jogar
Já mandei chamar Domingas Maria do Nascimento
Já mandei chamar Ana Romana e Vicência
Capoeira na Bahia, dentro do canaviá
Com Bugalho, Najé e Zacarias
Pra enfrentar a cavalaria
Capoeira pra jogar

Conjuração Bahiana, Tonho Matéria, Disponível em: <<https://youtu.be/5gSdhZYfX2w>>. Acesso em: abr. 2021.

Por que causou tanto temor para a Coroa Portuguesa a Conjuração Baiana? Porque temiam que se reproduzisse em seus domínios coloniais o mesmo que ocorreu no Haiti. No Haiti? O que aconteceu por lá? Vamos entender!

Texto 3 Independência do Haiti

O Haiti foi o primeiro país latino-americano a se tornar independente da França, por meio da Revolução Haitiana. Denominada de colônia Saint Domingue, o país era o maior produtor de açúcar do mundo e o principal exportador de café para a Europa.

Sua população era constituída de cerca de 500 mil habitantes: 35 mil brancos, 30 mil mulatos livres e mais de 430 mil escravos negros oriundos da África Ocidental. Percebendo que estavam em maioria, os escravos negros formaram uma rebelião para se livrar do domínio da França.

Em 1791, os escravos a dizimarem a população mandatária branca, que cada vez mais restringia a liberdade de seus vassalos com políticas racistas. As tropas francesas continuaram resistindo por um bom tempo, mas logo foram derrotadas pelos escravos, que receberam apoio de exércitos ingleses e espanhóis.

Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/independencia-do-haiti/>>. Acesso em: 5/4/2021. (Adaptado)

Assim Gilberto Gil e Caetano Veloso, tempos depois compuseram uma canção que trazia à tona o levante haitiano, chamada de “Haiti”, a canção trazia no seu refrão “Pense no Haiti/ Reze pelo Haiti/ O Haiti é aqui/ O Haiti não é aqui”. Uma aclamação do poder do povo brasileiro, retratando a crueldade da violência social praticada em nome do Estado.

Texto 4

Haiti

Quando você for convidado
Pra subir no adro da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos
E outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
E são quase todos pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados
(...)
Pense no Haiti
Reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

De: “Haiti”, CD Tropicália 2, 1993; Música: Gilberto Gil; Letra: Caetano Veloso.

Disponível em: <<https://youtu.be/MfAxBoxdlb0>>.

5 RESOLVENDO DESAFIOS DA TRILHA

Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luís Gonzaga das Virgens e João de Deus disseram, no final do século XVIII, um “Chega!” para a situação social em que viviam, viram em suas mãos a possibilidade de reescrever a história, não só as suas, mas a de seu povo. Agora cabe a nós pegarmos o nosso **caderno** e registrar os conhecimentos adquiridos.

- 1 O exemplo da Conjuração Baiana serve de inspiração para nos unirmos em prol de alguma causa?
- 2 Por que a Coroa Portuguesa reprimiu tão rigorosamente a conjuração baiana?
- 3 Interprete a estrofe da canção Haiti “De ladrões mulatos/ E outros quase brancos/ Tratados como pretos/ Só pra mostrar aos outros quase pretos/ E são quase todos pretos/ Como é que pretos, pobres e mulatos/ E quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados”.
- 4 Pesquise outra letra de canção cantada e dançada nas rodas de capoeiras que retrate a realidade. Registre um trecho dela e comente sobre o assunto que aborda.

6 A TRILHA É SUA: COLOQUE A MÃO NA MASSA!

Sabemos que existem inúmeras bandeiras sociais, mas todas reconhecem que o direito à vida deve ser uma luta universal. Pensando neste direito à vida, convidamos você para utilizar a criatividade. Deixe externalizar seu lado artista através de desenhos (concretos ou abstratos), paródias, pinturas, cordéis ou qualquer outra linguagem. A proposta é demonstrar a necessidade de união da população, para um problema atual, o combate à pandemia de covid-19. Só com o movimento coletivo conseguiremos superar este momento sem tantas perdas humanas.

7 A TRILHA NA MINHA VIDA

Perceberam, através das canções, a opressão e repressão às manifestações populares em nosso país? Conseguem identificar resistência e luta por melhores condições de vida para o nosso povo? Nesta trilha, compreendemos que unidos, como canta Tonho Matéria, ao dizer “Que juntou negros e brancos, pobre e ricos de valor” somos mais fortes para lutar contra o opressor. Por isto, chega! Chega de lutar um contra o outro, preci-

samos juntos construirmos as possibilidades de resistência. Agora chegou o momento de utilizar sua imensa bagagem de conhecimento proveniente de suas trajetórias de vida. Há algo vivenciado até aqui que te faça lembrar de fatos do passado, do presente, ou até mesmo, do que deseja para o futuro? Pode ser uma simples lembrança, (de um fato, de uma canção). Lembre-se que mesmo as histórias de nossas vidas pessoais, estão imersas no mundo social, daí a necessidade de construirmos a cada dia laços de união com o próximo.

Estou admirado com seu caminhar, com a sua escrita e com a valorização da sua história como parte da história da humanidade. Vamos continuar, juntos seremos mais fortes.

8 AUTOAVALIAÇÃO

Somos seres históricos, nosso caminhar, muitas vezes, são traçados pela conjuntura socioeconômica em que vivemos. Apesar de sentirmos necessidade de ficarmos sós em alguns momentos, precisamos uns dos outros para superarmos os obstáculos da vida. A arte nos aproxima das pessoas, nos faz enxergar aquilo que muitas vezes não queremos ver, nessa nossa trilha, percebemos ainda mais o poder da canção nas lutas sociais. Agora, vamos refletir criticamente sobre o nosso desenvolvimento, a consolidação do saber também passa pela autoavaliação. Em seu **caderno** registre as observações abaixo:

- 1 Conseguiu reservar um tempo para realizar a atividade?
- 2 Se sim, conseguiu realizar esta atividade no tempo programado?
- 3 Considera que a trilha te ajudou a reconhecer o poder da arte, no caso, a canção, na construção da memória coletiva?
- 4 Reservou algum tempo para refletir sobre a sua relação com o outro?
- 5 Você acha que consegue aplicar na sua vida as aprendizagens dessa trilha? Comente.